

Caminho percorrido...
Percurso a construir...

Auto-avaliação

In: "Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem"/IIE
Lisboa: IIE, 1994

CAMINHO PERCORRIDO...

Tempos houve em que, vista à distância, a vida dos professores era tranquila: os alunos, disciplinados, acatavam obedientemente as ordens do professor, acreditavam em tudo o que ele dizia e submetiam-se, com maior ou menor contestação surda, às classificações afixadas nas pautas.

Veio depois um tempo em que se entendeu ser vantajosa a participação dos alunos no balanço do trabalho realizado durante um período ou até durante o ano inteiro. Os alunos são chamados a propor uma classificação para o seu trabalho. Os professores definem «as regras de jogo» e os alunos aplicam-nas com tanto rigor que, às vezes, a nota proposta é inferior àquela que o próprio professor pretende atribuir.

Casos há em que os professores atribuem aos alunos um papel importante na identificação dos sucessos conseguidos e dos erros cometidos, bem como na sua correcção: os alunos são chamados a verificar e(ou) classificar as suas aprendizagens, a comparar os produtos obtidos com a solução apresentada pelo professor ou pelo manual, a identificar as diferenças encontradas e procurar chegar à mesma solução...

Este processo de crescente participação do aluno na sua avaliação tem vindo a ser acompanhado de outros meios e procedimentos.

Com efeito, existem fichas de auto-avaliação que permitem ao aluno fazer um balanço da sua participação na aula, no trabalho de grupo, etc., ao longo de uma unidade de formação (período, ano lectivo...); os novos programas apresentam algumas propostas de auto-avaliação que vão desde a explicitação de princípios até à apresentação de alguns instrumentos; por sua vez, muitos professores, individualmente ou em grupo, têm construído fichas que permitem ao aluno fazer um trabalho independente. Estas fichas estão estruturadas de modo a que o aluno faça a sua autocorreção. Indicam as páginas do manual (ou outra documentação) que devem ser consultadas para melhorar a aprendizagem, no caso de terem surgido erros.

Trata-se de passos importantes na busca do sucesso. Mas, apesar de muitos alunos participarem activamente nestes processos, com alguns efeitos positivos na sua atitude perante o estudo e, conseqüentemente, na sua aprendizagem, a verdade é que o insucesso escolar subsiste e é necessário ir mais longe.

PERCURSO A CONSTRUIR...

...por uma auto-avaliação «mais profunda e mais formativa»

A participação dos alunos na classificação, na autocorreção dos seus erros ou mesmo na identificação das suas aprendizagens não basta. É necessária a sua participação mais activa na construção e gestão do *processo de ensino-aprendizagem*, na análise dos erros cometidos, no registo das aprendizagens conseguidas, na determinação e planeamento das aprendizagens que ainda falta realizar. Por outras palavras, é necessário promover uma forma mais profunda de auto-avaliação. A apreciação crítica do aluno relativamente ao seu trabalho, ao seu processo de aprendizagem, permite identificar e compreender as etapas que o constituem, analisar e compreender os erros cometidos e os sucessos alcançados, comparar a acção desenvolvida com o plano pensado, confrontar os produtos obtidos com os produtos esperados e as operações realizadas com as concepções que delas tinha à partida, planificar as tarefas de aprendizagem a desenvolver...

Sob esta forma, a **auto-avaliação** consistirá então, na **regulação do processo de aprendizagem pelo sujeito dessa aprendizagem**: **antecipação** das operações a realizar para que determinada aprendizagem se verifique, **identificação dos erros** de percurso cometidos e **procura de soluções** alternativas.

Assim considerada, a auto-avaliação «vai mais longe» do que:

- . a «co-classificação», que assentando numa divisão de responsabilidades na avaliação sumativa, não resulta, em geral, da construção partilhada do próprio processo de formação;

- . a autocorreção, que comparando o resultado obtido pelo aluno com um produto-tipo, não leva em conta, na maior parte dos casos, nem os processos desenvolvidos, nem os percursos feitos pelo aluno, nem a necessidade de este identificar a «lógica» do erro cometido.

Ao debruçar-se sobre o processo de aprendizagem, no sentido de o poder regular, e não apenas sobre os seus produtos, a auto-avaliação assume-se como um modo de avaliação formativa. Mais, se tivermos em conta que a remediação dos erros só pode efectivamente ser realizada por quem os comete, uma vez que o conhecimento se constrói não por acumulação mas por reconstrução e reestruturação dos saberes adquiridos, **a auto-avaliação constitui**, como é evidente, **um dos modos privilegiados da avaliação formativa**.

Mas para isso há ainda um longo percurso a construir do qual constituem marcos fundamentais o desenvolvimento de competências de auto-avaliação e a adequação das práticas pedagógicas.

DESENVOLVER COMPETÊNCIAS DE AUTO-AVALIAÇÃO

É verdade que ao ouvir os comentários do professor sobre o seu trabalho, ao ver as notas dos exercícios escritos ou ao ver as notas na pauta, cada aluno vai fazendo uma auto-avaliação informal ou espontânea das suas aprendizagens.

A psicopedagogia contemporânea defende que se pode e se deve ir mais longe. Nunziati (1990) considera que a auto-avaliação só pode ter um carácter formativo se se tornar num procedimento sistemático integrado no processo de ensino-aprendizagem.

Mas a auto-avaliação sistemática é parte do processo e ela própria um produto de aprendizagem, um saber que se aprende fazendo, pelo recurso a instrumentos e a procedimentos específicos:

- . apropriação dos critérios de avaliação dos professores;
- . autogestão progressiva dos erros;
- . domínio dos instrumentos de antecipação e planificação.

A auto-avaliação, no seu sentido mais pleno, só é possível sob a condição de que os alunos:

- . tenham consciência de quais os critérios utilizados pelos professores na apreciação dos seus trabalhos e na avaliação das suas aprendizagens, o que só é possível pela realização de exercícios, supondo a utilização desses critérios, nos quais os aprendentes tenham uma participação activa;

- . consigam identificar e perceber os sucessos conseguidos e os erros cometidos (em que consistem, porque aconteceram, qual a sua lógica, como podem ser ultrapassados...) e, em consequência, possam reproduzir e aplicar os primeiros e corrigir progressivamente os segundos;

- . sejam capazes de antecipar quais os procedimentos, instrumentais ou cognitivos, a desenvolver para que determinada aprendizagem se realize e possam traduzir essa previsão num plano de acção.

ADEQUAR AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Só se consegue responder a estas exigências mudando o modo de ensinar, rompendo com certas rotinas pedagógicas fechadas: o professor que expõe a matéria e o aluno que ouve atentamente; o professor que elabora e aplica o teste e o aluno que responde; o professor que o corrige e atribui a respectiva nota e o aluno que a aceita.

A sistematização e o aprofundamento da auto-avaliação dos alunos supõem um conjunto de práticas pedagógicas mais adequadas:

- . **Explicitação dos objectivos de aprendizagem.** Normalmente, no início do ano lectivo ou de cada unidade didáctica, os professores informam os seus alunos sobre os conteúdos programáticos. Mas isso não basta. É preciso que, por meio de uma linguagem acessível, como muitos professores já fazem, eles sejam também informados sobre as capacidades, competências, destrezas e atitudes a desenvolver. É preciso também que, progressivamente, os alunos vão sendo chamados a participar na definição e no ajustamento dos objectivos.

- . **Clarificação dos critérios de avaliação.** Numa perspectiva de avaliação criterial os professores clarificam para si próprios, no momento da planificação, quais são os critérios de avaliação, as referências a partir das quais irão apreciar os trabalhos e as aprendizagens dos alunos. Mas para desenvolver a competência de auto-avaliação dos alunos é necessário ir mais longe, dedicando algum tempo à explicitação pelos alunos da representação que têm desses critérios e procurando, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, aproximá-los gradualmente daqueles que o professor definiu para si mesmo.

- . Uma **relação pedagógica assente na reciprocidade e na partilha.** Não se trata de propor a abstenção pedagógica dos professores, fazendo uma formação exclusivamente centrada no aluno. Trata-se da construção, em comum, do processo de ensino-aprendizagem, com base no diálogo e na “negociação” de todos os momentos que o constituem: definição de objectivos de aprendizagem e critérios de avaliação;

planificação das actividades e tarefas de aprendizagem; avaliação dos processos desenvolvidos e produtos obtidos.

Será para muitos um percurso de mudança e inovação, um caminho a trilhar quando a meta é o sucesso de todos os alunos.

SUGESTÕES DE ACTIVIDADES

Em grupo:

- 1) . escolha um dos instrumentos de auto-avaliação que conhece e discuta-o tomando como referência os seguintes aspectos: situações concretas em que seria possível utilizá-lo; potencialidades e limitações;
- 2) . construa um dispositivo (conjunto de procedimentos e instrumentos) destinado a promover a auto-avaliação dos alunos, no seu sentido «mais profundo e mais formativo» e aplique-o numa turma.
 - . registe os efeitos da sua aplicação e discuta-os com os colegas numa reunião de grupo disciplinar.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Allal, L. (1986). Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação. In L. Allal, J. Cardinet e P. Perrenoud (Eds.), *A avaliação formativa num ensino diferenciado* (pp. 175-209). Coimbra: Livraria Almedina.

Amor, E. (1993). *Didáctica do Português: fundamentos e metodologia*. Lisboa: Texto Editora.

Black, H. e Broadfoot, P. (1982). *Keeping track of teaching: Assessing in the modern classroom*. London: Routledge e Kegan Paul.

Bonniol, J. J. (1989). Sur les regulations du fonctionnement cognitif de l'élève: contribution a une théorie de l'évaluation formative. *Atelier de recherche sur l'évaluation des résultats scolaires*. Liège: Conseil de l'Europe.

Jones, R. L. e Bray, E. (1992). *Assessment. From principles to action*. London: Routledge.

Mas, M., Garcia-Debanco, C. Romian, H., Seguy, A., Tauveron, C. e Turco, G. (1991). *Comment les maîtres évaluent-ils les écrits de leurs élèves en classe?*. Paris: INRP.

Nunziati, G. (1990). Pour construire un dispositif d'évaluation formative. *Cahiers Pédagogiques*, 280, 47-64.

Coordenador do Projecto: Carlos Cardoso

Autores: João Barbosa, Vitor Alaiz